

## A PRODUÇÃO DA PANDEMIA DE COVID-19 E AS RELAÇÕES ORGANIZADAS ENTRE HUMANOS E OUTROS MODOS DE EXISTÊNCIA

Ana Carolina Júlio<sup>1</sup>

Letícia Fantinel<sup>2</sup>

### RESUMO

O objetivo deste ensaio é discutir a produção da pandemia de Covid-19 a partir da fragilidade das relações verticais/hierárquicas entre humanos e outros modos de existência / não-humanos, com foco naquelas mediadas por processos organizativos. Refletimos sobre este fenômeno a partir de dois argumentos: (1) a constituição e naturalização de determinadas fronteiras encontra-se na matriz dessas relações; e (2) essas supostas fronteiras seriam mais bem entendidas a partir da imbricação de uma complexa malha de práticas sociomateriais permeadas por processos organizativos, engendradas por humanos, não-humanos e coletivos multiespécies. A partir da ontologia relacional das Teorias da Prática, compreendemos que a pandemia se (re)produz por meio de relações e práticas que ultrapassam o humano, o que enseja ir além de uma visão antropocêntrica da pandemia de Covid-19 enquanto uma ameaça à economia, às organizações ou mesmo à nossa espécie. Esperamos contribuir para o campo de Estudos Organizacionais com a problematização de modos de organizar que engendram relações verticais/hierárquicas que sustentam a (re)produção da Covid-19. Tal enfoque nos ajuda a construir uma agenda de pesquisa que possibilite estudar o fenômeno da pandemia para além de seus efeitos, ou seja, a partir das condições organizativas de sua produção e (re)produção.

**Palavras-Chave:** Pandemia; Covid-19; Coronavírus, Ontologia relacional; Práticas sociomateriais, *organizing*.

<sup>1</sup> Doutora e mestre em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora do Departamento de Administração da Universidade Estadual do Mato Grosso. Pesquisadora do Grupo de Estudos em Simbolismos e Práticas Cotidianas em Organizações - GESIP/UFES.

<sup>2</sup> Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia, com estágio-sanduíche na Universidade Paris IX, mestre e bacharel em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Administração e do Programa de Pós-graduação em Administração da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGAdm/UFES). Pesquisadora do Grupo de Estudos em Simbolismos e Práticas Cotidianas em Organizações - GESIP/UFES.

## LA PRODUCCIÓN DE LA PANDEMIA DEL COVID-19 Y LAS RELACIONES ORGANIZADAS ENTRE HUMANOS Y OTROS MODOS DE EXISTENCIA

### RESUMEN

El propósito de este ensayo es discutir la producción de la pandemia Covid-19 a partir de la fragilidad de las relaciones verticales / jerárquicas entre humanos y otros modos de existencia, enfocándonos en aquellos mediados por procesos organizacionales. Reflexionamos sobre este fenómeno a partir de dos argumentos: (1) la constitución de fronteras naturalizadas se encuentra en la matriz de estas relaciones; y (2) estos supuestos límites se entenderían mejor a partir de la imbricación de una compleja red de prácticas sociomateriales permeadas por procesos organizativos, engendrados por humanos, no humanos y colectivos multiespecíficos. Desde la ontología relacional de las Teorías de la Práctica, entendemos que la pandemia se (re) produce a través de relaciones y prácticas que van más allá de lo humano, lo que significa superar una visión antropocéntrica de la pandemia de Covid-19 como una amenaza para la economía, organizaciones o incluso nuestra especie. Esperamos contribuir al campo de los estudios organizacionales problematizando formas de organización que engendran relaciones verticales / jerárquicas que apoyan la (re) producción de Covid-19. Tal enfoque nos ayuda a construir una agenda de investigación que permita estudiar el fenómeno pandémico más allá de sus efectos, es decir, desde las condiciones organizativas de su producción y (re) producción.

**Palabras clave:** Pandemia; Covid-19; Coronavirus, Ontología relacional; Prácticas sociomateriais, *organizing*.

## THE PRODUCTION OF COVID-19 PANDEMIC AND ORGANIZED RELATIONS BETWEEN HUMANS AND OTHER MODES OF EXISTENCE

### ABSTRACT

The purpose of this essay is to discuss the production of the Covid-19 pandemic from the fragility of vertical / hierarchical relationships between humans and other modes of existence, focusing on those mediated by organizational processes. We reflected on this phenomenon from two arguments: (1) the constitution of naturalized borders is found in the matrix of these relationships; and (2) these supposed boundaries would be better understood from the imbrication of a complex mesh of sociomaterial practices permeated by organizational processes, engendered by humans, non-humans, and multispecies collectives. Based on the relational ontology of the Practice Theories, we understand that the pandemic is (re) produced through relationships and practices that transcend the human, which aims to break an anthropocentric view of the Covid-19 pandemic as a threat to the economy, organizations or even our species. We hope to contribute to the field of Organization Studies by problematizing ways of organizing that engender vertical / hierarchical relationships which support the (re) production of Covid-19. Such a focus helps us to build a research agenda that enables to study the pandemic phenomenon beyond its effects, that is, from the organizational conditions of its production and (re) production.

**Keywords:** Pandemic; Covid-19; Coronavirus; Relational ontology; Sociomaterial practices; organizing.

## INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a Covid-19 (*Corona Virus Disease*) uma pandemia global. Segundo a instituição, sua emergência é caracterizada por uma doença amplamente disseminada que afeta simultaneamente grande número de seres humanos ao redor do mundo (OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia, 2020).

A pandemia descortina condições sociomateriais que há muito permeiam as formas humanas de organização social, expondo problemáticas sobrepostas, sejam elas de cunho sanitário, ambiental, político, econômico, entre outros (SANTOS, 2020). Tais dimensões encontram-se interconectadas, revelando-se, por exemplo, na velocidade de propagação da Covid-19; nas variações de gravidade dos sintomas das pessoas infectadas; na fragilização dos cuidados coletivos e individuais em resposta à doença, como ações de prevenção, por exemplo; no descontrole dos preços das *commodities*; na escalada dos índices de desemprego e miserabilidade; nas dinâmicas geopolíticas em que o poder econômico (não) garante acesso a equipamentos médico-hospitalares e recursos para tratamento (como oxigênio, seringas e vacinas); nas violências estruturais expostas na desigualdade do acesso a saúde, moradia e proteção social; na vulnerabilidade de grupos empobrecidos, racializados e generificados; bem como na necropolítica posta em curso por projetos neoliberais em todo o mundo.

A complexidade dos efeitos dessas imbricações também se manifesta no contraste entre as denominadas “precauções simples” divulgadas pela OMS para que o público em geral reduza suas chances de ser infectado ou espalhar o vírus – como lavar as mãos regularmente com água e sabão; manter pelo menos 1 metro de distância em relação às outras pessoas; evitar aglomerações, etc. (OMS, 2020) – e o fato de que parte significativa da população humana mundial vive em condições tão precárias que sequer conseguem adotá-las. O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e a própria OMS reconhecem que, no mundo,

uma em cada três pessoas não tem acesso a água potável, e mais da metade dos seres humanos não tem acesso a serviços de saneamento seguro (UNICEF, 2019). No Brasil, são quase 35 milhões de pessoas sem abastecimento de água tratada, já que apenas 83,62% dos brasileiros têm acesso a este serviço (SNIS, 2018).

Da mesma forma, a Organização das Nações Unidas (ONU, 2017) estima que 1,6 bilhão de pessoas no mundo vivam em moradias precárias, com carência de serviços essenciais (como abastecimento de água, coleta de esgoto, coleta de lixo e fornecimento de energia elétrica), construídas com materiais não duráveis ou em regiões cuja densidade de edificações/populacional é extremamente elevada, por exemplo. Tais condições são muito comuns em complexos urbanos como favelas, comunidades e assentamentos informais. No Brasil, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estima a existência de 5,127 milhões de domicílios nessas condições de precariedade. Amazonas e Espírito Santo são os estados com maior proporção de domicílios em “aglomerados subnormais” (34,6% e 26,1%, respectivamente); enquanto São Paulo e Rio de Janeiro são os estados com maior número absoluto de domicílios nessas condições (1,06 milhão e 717 mil respectivamente) (IBGE, 2019).

Frente a esse contexto, entendemos que, longe de ser um elemento da natureza que irrompe sobre a sociedade humana, uma causalidade, ou mesmo um desastre natural inevitável, a pandemia é decorrência dos entrelaçamentos, das relações engendradas por e entre humanos e não-humanos/outros modos de existência (SILVA; LOPES, 2020). Partimos, portanto, de uma perspectiva embasada na ideia de que a emergência da Covid-19 se caracteriza como um evento multiespécies (KIRKSEY, 2020), mediado por processos organizativos que inscrevem relações que não se resumem à evidente relação entre seres humanos e vírus.

Para além do fato de que diferentes tipos de Coronavírus (co)existem no planeta há milhares de anos – considerando o alto risco de mutação e transmissão zoonótica –, entendemos que a proporção tomada pela Covid-19 é fruto de longos e complexos processos, marcados por relações assimétricas entre seres humanos e outros modos de existência

(animais não-humanos selvagens, aqueles ditos domésticos e especialmente os que são mantidos em condições industriais); uma vez que, no contexto da pandemia de Covid-19, os seres humanos são não apenas os principais afetados pela doença, mas também os agentes de propagação do vírus – propagação essa que ocorre em um ritmo vertiginoso, por meio do transporte aéreo (inter)nacional, das cadeias de suprimentos globais e dos próprios hábitos de vida contemporâneos (KIRKSEY, 2020).

Compreendemos, ainda, a (re)produção da pandemia a partir de processos antrópicos que operam na interseção de práticas e processos organizativos que se relacionam à produção e consumo; aos modos de interação com o ambiente e com outras formas de estar no mundo; à (falta de) acesso de populações humanas a condições materiais de existência, etc. Por isso, argumentamos que a pandemia não é um fenômeno estático, mas se produz e se (re)produz continuamente de forma imbricada em uma malha de práticas, ou seja, por meio de (não) ditos e (não) feitos organizados (SCHATZKI, 2006), que se sobrepõem e persistem ao longo do tempo. Este argumento busca responder à necessidade de construção de agendas de pesquisa no campo de Estudos Organizacionais que deem conta de problematizar a pandemia de Covid-19 a partir das condições organizativas de sua produção e (re)produção, assim como das imbricações de complexas dimensões sociomateriais. Buscamos, ainda, construir agendas de pesquisa que possibilitem estudar o fenômeno da pandemia para além de seus efeitos nas organizações, como as mudanças no mundo do trabalho, por exemplo.

A partir dessa problematização, nos debruçamos sobre o objetivo de discutir a produção e a (re)produção da pandemia a partir da fragilidade das relações verticais e hierárquicas entre humanos e outros modos de existência, com foco naquelas mediadas por processos organizativos. Nesse caminho, tomamos como base filosófica para este ensaio a ontologia relacional das teorias da prática. Nas Ciências Sociais, outros autores já teceram provocações a partir dessa perspectiva – Bourdieu, Giddens, De Certeau, Foucault e Latour, por exemplo (Reckwitz, 2002; Nicolini, 2013; Schatzki, 2016). Assim como eles, buscamos “dar um passo atrás” e (re)pensar o solo ontológico cartesiano dos ditos “modernos” – que separa sujeito e objeto em polos diametralmente opostos –, problematizando nossa

compreensão acerca dos fenômenos organizacionais, assim como das relações entre seres humanos e outros modos de existência (relações essas fundamentais para o acontecimento dos processos organizativos).

Chegamos, neste processo reflexivo, a dois argumentos centrais, que desenvolvemos ao longo do ensaio: (1) a constituição e naturalização de determinadas fronteiras (materializadas em dicotomias como natureza/sociedade; humanidade/mundo; matéria/mente; sujeito/objeto) encontra-se na matriz dessas relações verticais/assimétricas; e (2) essas supostas fronteiras seriam mais bem entendidas a partir da imbricação de uma complexa malha de práticas sociomateriais permeadas por processos organizativos, engendradas por humanos, não-humanos e coletivos multiespécies. Esses dois argumentos permitem compreender que restringir a compreensão da pandemia de Covid-19 aos seus efeitos, caracterizando-a como uma ameaça à economia, às organizações ou mesmo à nossa espécie é um movimento que simplifica o fenômeno, a partir de uma visão dicotômica e antropocêntrica. Fazemos o convite a quem lê este ensaio, portanto, para que nos acompanhe nas discussões que pretendemos trazer a partir de tais reflexões.

### **COMPLEXOS ENTRELAÇAMENTOS NA (RE)PRODUÇÃO DA COVID-19**

O surgimento e as implicações da pandemia encontram-se profundamente ligados às relações engendradas por e entre populações humanas e não-humanas. A extinção de espécies animais e vegetais, bem como impactos na biodiversidade são apenas parte das diversas consequências negativas de práticas como as de desmatamento, avanço sobre áreas silvestres, agricultura e pecuária industrializadas, comércio de animais silvestres, mudanças climáticas, etc. Estamos falando aqui de uma forma de organização social, de produção e de consumo que vem possibilitando sistematicamente o aparecimento e a proliferação de diferentes tipos de doenças, com sérios impactos nas sociedades humanas; uma vez que as atividades associadas a essas práticas contribuem para a disseminação de vetores de doenças, tendo forte impacto na dinâmica de doenças infecciosas e na saúde pública (FEARNSIDE; ELLWANGER, 2020; ELLWANGER *et al*, 2020).

Esse fenômeno não é propriamente novo. Outros surtos, identificados a partir dos anos 1990 como as chamadas “doenças emergentes” – Ebola, SARS, gripe aviária, gripe suína, febre do Nilo, MERS – demonstram as complexidades ecológicas envolvidas nas epidemias e doenças infecciosas em geral, complexidades minimizadas pelo paradigma biomédico dominante que se concentra numa lógica de localização de agentes causadores e desenvolvimento de recursos terapêuticos específicos. Tal lógica obedece a uma retórica de guerra dos seres humanos contra doenças e patógenos, presente no imaginário militarista e colonial (SILVA; LOPES, 2020). A própria lógica que embasa a resposta a doenças como dengue, zika e chikungunya também não problematiza as alterações antrópicas que propiciam sua produção e (re)produção, centrando-se em demasia nas ações de “combate ao mosquito” (SEGATA, 2016).

Assim, ainda que as atuais discussões contra-hegemônicas do campo da Medicina Social e da Saúde Coletiva compreendam a saúde-doença como expressão de processos sociais, postulando a necessidade de analisar o contexto econômico, político e ideológico no qual os fenômenos de saúde e doença acontecem (LAURELL, 1986; BREILH, 2020); o paradigma dominante nas Ciências Biológicas e da Saúde ainda é o da medicina como técnica ou tecnomedicina (DAVIS-FLOYD; JOHN, 1998; DAVIS-FLOYD, 2001). Nesse sentido, segundo a antropóloga médica Davis-Floyd, em muitas sociedades ocidentais (no Brasil, por exemplo), a formação básica do médico (ou seja, graduação e residência) calca-se majoritariamente no paradigma tecnocrático da medicina (Davis-Floyd & John, 1998; Davis-Floyd, 2001; Georges & Davis-Floyd, 2016). O princípio da separação é o principal valor, a principal crença desse paradigma, estabelecendo que os fenômenos são mais bem compreendidos fora do seu contexto, divorciados das coisas e dos sujeitos que lhes dão suporte, que estão a eles relacionados. Dessa forma, do ponto de vista histórico, o modelo tecnomédico deriva do modelo mecanicista proposto por Descartes no século XVII (DAVIS-FLOYD; JOHN, 1998; DAVIS-FLOYD, 2001; JÚLIO, 2017).

Concordamos, ainda, com Morin e Blin (2020), que afirmam que a pandemia insere-se e (re)alimenta o contexto atual de policrise, que opera em uma evidente dimensão sanitária,

mas também se conecta, profundamente, com as dimensões política, econômica, social, ecológica, entre outras. Assim, a dimensão sanitária – a crise imediata da emergência do novo coronavírus - imbrica-se com outras crises: a social, a política e a econômica, por exemplo - agravadas por dogmas liberalizantes que abrigam imaginários de aumento de rentabilidade e competitividade, assim como de redução de políticas públicas de saúde e proteção social. Em níveis mais profundos, a pandemia impõe-se, ainda, como crise existencial e intelectual, ao lançar o desafio do questionamento de nossos modos de existir e habitar o planeta, bem como de nossa insuficiência para pensar as mesmas imbricações que engendram as complexidades desses modos de existir e habitar. Para Morin (2020), erros de diagnóstico, de prevenção e de decisões contribuíram para o avanço catastrófico da pandemia, que configurou-se em mais uma peça na engrenagem da policrise atual e expôs nossa ligação inseparável com o destino bio-ecológico do planeta (MORIN, 2020).

Essas crises se entrelaçam nos interstícios da falência do projeto moderno, calcado, entre outros eixos fundantes, numa perspectiva ontoepistemológica que gera continuamente dualismos, fronteiras, fragmentações e hierarquizações. A célebre máxima “penso, logo existo”, que sintetiza e ilustra o dualismo cartesiano, localiza sujeito (mente) e objeto (corpo/matéria) em polos diametralmente opostos. Trata-se de uma “certeza inaugural” que “suspendeu a própria existência do mundo”, dispensando sustentação e compromisso com uma “necessária existência de uma natureza material” (GUIMARÃES, 2013, p. 52). Embora a concepção de uma existência independente entre mundo social e material esteja presente desde a filosofia platônica, o pensamento cartesiano tem importante papel na chamada modernidade; estabelecendo o profundo corte entre natureza e sociedade que funda o pensamento contemporâneo ocidental e marca a constituição das ciências e das formas de produção de conhecimento (LATOUR, 2013).

Para Latour (2013), o projeto moderno fixa-se em quatro premissas contraditórias entre si, denominadas pelo autor de garantias: a primeira consiste na crença em uma natureza transcendente, pois nos ultrapassaria infinitamente e seria alheia a nós, mas mobilizável; a segunda vale-se do paradoxo de que a sociedade é uma construção humana

(imane a nossa ação), mas que nos ultrapassa; a terceira é fundada na negação da existência dos híbridos, na constituição fundamental de que natureza e sociedade são distintas; já a quarta consiste na reinterpretação e reinvenção da espiritualidade via supressão de Deus, e sua manutenção apenas em foro íntimo. Segundo o autor, a contradição vem do fato de que as duas primeiras garantias permitem trânsito entre os domínios do social e político ao natural, enquanto a terceira impõe um corte entre eles, e a quarta estabelece um Deus tão distante que acaba expurgado da realidade. É a crença na separação dual entre natureza e sociedade, portanto, que sustenta conceber a produção de conhecimento natural de forma independente do que é social e político ou, ainda, religioso ou espiritual (LATOIR, 2013).

A base filosófica dualista sustenta a percepção moderna e instrumental do ser humano capaz de manusear, manipular, controlar e subordinar a natureza, localizando ser humano e mundo em polos opostos neste abismo ontológico – ou seja, o mundo se configura como um objeto nessa concepção. Diante dessa lógica, o ser humano viveria dentro do mundo, numa relação instrumental de conteúdo e continente; concepção problemática na medida em que não entende que nossa ligação com o mundo não é algo contingente, ou seja, que pode ou não se realizar (Henriques, 2014).

A busca da superação da cisão entre mente e mundo (matéria) enfatiza, portanto, a inseparabilidade ontológica entre a realidade humana e o mundo, no qual todos nós estaríamos imbricados “desde sempre” (WILLERSLEV, 2015). Afinal, retornando-se à máxima cartesiana: para pensar, é preciso existir, estar no mundo, ou seja, a razão não antecede a existência, o sujeito não antecede o objeto (Dreyfus, 1991).

Tal perspectiva gerou profundas marcas no pensamento ocidental, assim como consequências técnicas, políticas, éticas e teórico-epistemológicas - em termos da compreensão e experiência do mundo, eixo fundante da cisão epistemológica entre o domínio das ditas ciências da natureza e da cultura (DESCOLA, 2014). Todavia, embora tomemos como ponto de partida essa discussão mais ampla, devido à natureza e recorte deste ensaio,

dedicamos maior atenção à discussão a partir de uma perspectiva acadêmica para o campo do qual falamos e com o qual tencionamos contribuir.

Dessa forma - assim como entendemos que as Ciências Sociais se originam majoritariamente a partir de um pensamento dualista (INGOLD, 1995), já que o solo ontológico, a base filosófica cartesiana, influenciou nossa sociedade e nossa forma de fazer ciência -, concordamos que na pesquisa sobre organizações e gestão também se encontra a herança dessas concepções ontoepistemológica dualistas. Tal herança se evidencia, por exemplo, nas perspectivas tradicionais hegemônicas sobre as relações organização-natureza, em que abordagens ecocêntricas foram paulatinamente colocadas em posições secundárias ou marginais (MARQUESAN; FIGUEIREDO, 2018).

Nesse sentido, a complexidade do contexto pandêmico, assim como as condições organizativas de sua produção e (re)produção, leva à provocação de pensar a pesquisa em Administração e em Estudos Organizacionais como engajada em um contexto pós-pandemia - o que está para além dos efeitos da pandemia nas organizações. Para isso, entendemos como fundamental pensar a fragilidade das fronteiras, das relações verticais e hierárquicas entre seres humanos e outros modos de existência (LATOUR, 2019); ou seja, problematizar a separação (e conseqüentemente as relações verticais e hierárquicas) entre seres humanos (sujeito/mente) e outros modos de existência (objeto/matéria) em polos opostos, com foco nas relações mediadas por processos organizativos.

## **RELAÇÕES VERTICAIS/HIERÁRQUICAS E A PRODUÇÃO DE FRONTEIRAS: POR UMA ONTOLOGIA RELACIONAL**

Já indicamos neste ensaio nosso movimento no sentido de mobilizarmos uma ontologia relacional fundada no reconhecimento das limitações dos clássicos cortes constituídos e das dicotomias deles decorrentes. Entendemos, assim como Latour (2013), que as cisões que se fundam na crença da separação entre natureza e cultura/sociedade, corpo/matéria e mente, e outras que sustentam a constituição do pensamento moderno, configuram-se como artifícios simplificadores - embora muitas vezes didáticos e úteis -,

ignorando os complexos e poderosos emaranhamentos que engendram constantemente hibridações em suas interseções. Neste tópico, queremos nos dedicar a determinados emaranhamentos, a partir dos quais reconhecemos a forja das relações verticais e hierárquicas entre humanos e outros modos de existência.

Entendemos que a verticalidade e a hierarquia dessas relações relacionam-se profundamente ao pensamento moderno, na medida em que se sustentam em um “estado de exceção ontológico” (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 47) que concebe a figura do Homem como ser que emerge de um estado originário animal para então direcionar-se ao mundo em uma condição de senhor. Tal concepção destaca-se como dispositivo fundamental à revolução científica do século XVII, que possibilitou apropriação racional e economização instrumental do mundo (DANOWSKI; VIVEIROS DE CASTRO, 2017), e marca profundamente a constituição do que chamamos ciências sociais e naturais.

Purser, Park e Montuori (1995) já haviam identificado a reprodução dessas convenções ontoepistemológicas que embasam o dualismo natural/humano na ciência organizacional e na prática administrativa. Segundo os autores, a concepção da natureza como objeto - base das ciências naturais - entende-a como governada por leis que operam no domínio da razão e da ordem, e que são acessíveis somente por ciência empírica. Assim, dominar e controlar o mundo natural seria o caminho do progresso contínuo. Essa abordagem localiza a natureza numa posição de artefato, gerenciável por quem possui o corpo de conhecimentos relacionados às leis imutáveis às quais ela estaria submetida (PURSER; PARK; MONTUORI, 1995).

Nesse sentido, ao gerar cisões e hierarquias, o antropocentrismo nas ciências reforça o denominado excepcionalismo humano, perspectiva que confere determinados atributos à vida social humana, concebida como qualificada, política, em oposição a outras possibilidades de existência, restritas ao biológico ou ao mecânico (SÜSSEKIND, 2018). Nesse contexto, problematizar as frágeis relações verticais ou hierárquicas engendradas pelo humano em relação ao mundo – frágeis porque engendram saberes que não dão conta das poderosas imbricações que ultrapassam o tempo todo os limites entre social e natural e, ao fazer isso,

sustentam práticas autocentradas e destrutivas que promovem catástrofes, devastações, extinções e crises – implica questionar a concepção moderna de um mundo exterior e contingente ao ser humano, fixo e disponível à exploração.

Assim, entendemos que uma das formas possíveis de operar esse questionamento em nosso campo é “dar um passo atrás” e (re)pensar o solo ontológico cartesiano dos ditos “modernos” – que separa sujeito e objeto em polos diametralmente opostos –, problematizando, então, nossa compreensão acerca dos fenômenos organizacionais (JÚLIO, 2019), assim como das relações entre seres humanos e outros modos de existência (relações essas fundamentais para o acontecimento dos processos organizativos). Trata-se de um importante movimento no sentido de incluir agências não-humanas nas teorizações sobre gestão e organizações. Uma vez que processos organizativos, em geral, tendem a apagar agências indisciplinadas e problemáticas (SAGE *et al*, 2016), agências essas que - vistas a partir de uma abordagem que privilegia o controle - são removidas ou descartadas por não serem passivas, domesticadas ou úteis para fins organizacionais.

Dito isso, o esforço de problematizar relações organizadas entre seres humanos e outros modos de existência na (re)produção da pandemia de Covid-19 está profundamente ligado ao reconhecimento das relações verticais e hierárquicas entre humanos e outros modos de existência – relações essas imbricadas em complexas malhas de práticas que revelam a multidimensionalidade do fenômeno. Ao diluir fronteiras fictícias – fictícias porque nossa sociedade “moderna” nunca funcionou de acordo com a separação radical entre natureza (objeto) e cultura/sociedade (sujeito) (LATOURE, 2013) – e visibilizar imbricações, defendemos que é possível explicitar uma multiplicidade de agenciamentos humanos e não-humanos que se relacionam com forças de natureza política, econômica, cultural (KIRKSEY; HELMREICH, 2010) e também de caráter organizativo. Dessa forma, pensamos a reconfiguração dessas supostas fronteiras a partir de uma complexa malha de práticas sociomateriais sobrepostas, permeada por formas e processos organizativos, e engendrada por agentes humanos e não-humanos, bem como coletivos multiespécies (FANTINEL, 2020).

Assim, a malha de práticas na qual a pandemia de Covid-19 está imbricada também revela as conexões entre humanos, outros modos de existência e elementos sociomateriais (indícios materiais das práticas imbricadas na (re)produção desta crise em específico). Isso pode ser evidenciado por meio de tecnologias (in)disponíveis (testes de detecção, respiradores, cilindros de oxigênio, medicamentos, seringas e vacinas, por exemplos); estrutura física (água encanada, existência de banheiro nos domicílios, hospitais, leitos/camas, canalização para oxigênio, UTIs, etc.); e a própria emergência do “novo coronavírus” (Sars-CoV-2), que, ainda que se saiba tratar-se de enfermidade de transmissão zoonótica, não se tem conhecimento do hospedeiro intermediário que possa ter facilitado a transferência para humanos (LAM *et al*, 2020).

Uma perspectiva relacional permitiria, ainda, a percepção de outros modos de existência como espécies companheiras (*companion species*) e a construção de uma alteridade significativa (*significant otherness*) – alteridade essa que se encontra sempre em ser, em dinâmicos devires, sem a constituição prévia de uns ou outros como sujeitos ou objetos (HARAWAY, 2003). Compõem-se, assim, ontologias constantemente emergentes, de espécies que constroem em conjunto conexões que são de interesse para estudos sobre a gestão e o organizar. Relações conjuntas entre diferentes espécies, como constituintes do mundo material, não como produtos, mas como devires (HARAWAY, 2008). Afinal, nossa condição de existência só é possível na medida em que somos seres holobiontes, unidades evolutivas que agregam diferentes espécies e que tornam possível sua existência (ZILBER-ROSENBERG; ROSENBERG, 2008). Outrossim, a limitação das categorias que criamos e a complexidade das relações que se engendram entre o orgânico e o inorgânico fica evidente nas questões relacionadas às próprias formas de representação do vírus. Isso se dá porque, sendo um vírus, o Sars-CoV-2 não é considerado por muitos propriamente um ser vivo, mas sim outro modo de existência, um “microscópico parasita intracelular obrigatório”, que depende do metabolismo de seu hospedeiro para reproduzir-se (MADIGAN *et al*, 1997).

Nesse sentido, nosso ponto é que a (re)produção da Covid-19 está para além de uma enfermidade pandêmica, ou de uma crise global de saúde pública, ou mesmo de implicações

que podem ser compreendidas somente ou majoritariamente por meio de explicações biomédicas. Argumentamos, assim, que a pandemia se produz e se (re)produz de forma imbricada em uma malha de práticas – (não) ditos e (não) feitos organizados (SCHATZKI, 2006) – sobrepostas, assim como em um contexto socioeconômico e histórico, que persiste ao longo do tempo. Logo, compreendê-la majoritariamente como um fenômeno biomédico minimiza pontos importantes da discussão e propicia uma análise superficial do fenômeno, uma vez que nos permitiria apenas acessar a “ponta do *iceberg*”.

Nossa proposta, portanto, é compreender a produção e a (re)produção da pandemia como profundamente permeada por processos antrópicos que interseccionam práticas e processos organizativas sobrepostos que podem ser analisados em diferentes camadas (HUI, SCHATZKI & SHOVE, 2017; JÚLIO, 2019). Tais camadas articulariam práticas e processos organizativos de produção e consumo; práticas de interação com o ambiente; (falta de) acesso de populações humanas a condições materiais de existência, água, serviços de saúde, etc; práticas de gestão organizacional, entre muitas outras.

Dessa forma, objetivamos destacar as conexões, as relações horizontais que se dão em diferentes níveis: entre diversas práticas que se sobrepõem, entre atividades locais e práticas mais amplas (até mesmo “globais”), entre atividades contemporâneas e práticas que persistem ao longo do tempo, entre agentes governamentais e privados, entre agentes humanos e outros modos de existência. Trata-se, assim, de evidenciar elementos que possuem implicações a acadêmicos e praticantes, tendo em vista o contexto complexo e desafiador que se apresenta a todos nós.

Vale ressaltar, ainda, que uma análise da Covid-19 nestes termos não desconsidera o sofrimento das pessoas que ficaram ou estão enfermas, que perderam familiares, amigos e/ou seus empregos/renda. Afinal, a análise que propomos não deve incorrer no equívoco de considerar a categoria “humano” como homogênea, uma vez que é fundamental compreender que as desigualdades e opressões entre seres humanos são ainda mais agravadas no contexto da pandemia. Isso pode ser demonstrado a partir dos dados que apresentamos no início do texto, como o dado que aponta para uma maior taxa de mortalidade pela Covid-19 entre

pretos e pardos, por exemplo. Entendemos, assim, que tal compreensão é fundamental para reconhecermos que vulnerabilidades relacionadas a condições socioeconômicas, de gênero e raça/etnia são determinantes no risco de infecção e morte pela doença.

## **CONCLUSÃO**

Objetivamos, com este ensaio, tecer reflexões acerca da produção e da (re)produção da pandemia ocasionada pelo novo coronavírus (Covid-19) tomando como eixo central de compreensão a fragilidade subjacente às relações verticais e hierárquicas entre seres humanos e outros modos de existência, com foco naquelas mediadas por práticas e processos organizativos. Para isso, foi necessário discutir que a pandemia põe em questão a constituição de uma série de fronteiras já naturalizadas na cosmovisão dita ocidental contemporânea, sejam elas entre territórios geopolíticos, entre natureza e cultura, entre ciências sociais e naturais ou mesmo entre seres humanos e outros modos de existência. Ainda, argumentamos que essas supostas fronteiras poderiam ser mais bem entendidas a partir da imbricação de uma complexa malha de práticas sociomateriais sobrepostas e permeadas por processos organizativos, engendradas por elementos humanos, não-humanos e coletivos multiespécies.

Ensejamos, com tais reflexões, contribuir para o campo de Estudos Organizacionais com uma compreensão sobre o fenômeno da pandemia de Covid-19 que parta de uma ontologia relacional, permitindo ir além de uma visão simplificadora, dicotômica e antropocêntrica de uma ameaça à economia, às organizações ou mesmo à espécie humana. Todavia, ainda que este ensaio privilegie as implicações acadêmicas dessa compreensão, é importante compreender que, na medida em que o solo ontológico que criticamos embasa o pensamento ocidental contemporâneo majoritário, as implicações se estendem para domínios técnicos, éticos e políticos. Os evidentes desequilíbrios sistêmicos que facilitam o aparecimento e a proliferação de doenças mostra o quão frágeis são as relações verticais e hierárquicas entre seres humanos e outros modos de existência e o quão limitadas e simplificadoras podem tornar-se as ações organizadas face às complexidades de tais relações.

Destacamos, contudo, que o fenômeno da pandemia de Covid-19 também pode ser compreendido por meio de outras bases ontoepistemológica, uma vez que a crítica à modernidade, à separação entre sujeito e objeto, não é exclusivamente realizada por autores aqui citados (Heidegger, Latour e Haraway, por exemplo); sendo essa uma possibilidade para estudos futuros.

Por fim, não temos a pretensão de esgotar a discussão ou de dar conta do complexo fenômeno da produção e da (re)produção da Covid-19 como um todo, mas sim o que, neste momento, é mais visível aos nossos olhos. Afinal, podemos considerar a pandemia um fenômeno “supraliminar” (analogamente aos fenômenos subliminares), cuja enormidade desafia nossa capacidade de percepção e imaginação (ANDERS, 2007; BRUM, 2014).

## REFERÊNCIAS

ANDERS, G. **Le temps de la fin**. Paris: L’Herne, 2007.

BREILH, J. "COVID-19: determinación social de la catástrofe, el eterno presente de las políticas y la oportunidad de repensarnos". **Andina**. 2 (2020): 8-14.

BRUM, E. Diálogos sobre o fim do mundo. Entrevista com Eduardo Viveiros de Castro e Déborah Danowski. **El país Brasil**, 2014, Set 29. Recuperado em 20 maio, 2020, de [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283\\_365191.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/29/opinion/1412000283_365191.html)

DAVIS-FLOYD, R. The technocratic, humanistic, and holistic paradigms of childbirth. **International Journal of Gynecology & Obstetrics**, 75, S5-S23, 2001.

DAVIS-FLOYD, R., & JOHN, G. S. **From doctor to healer: the transformative journey**. Rutgers University Press, 1998.

DANOWSKI, D., & VIVEIROS DE CASTRO, E. **Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins**. Cultura e Barbárie, 2017.

DEMELLO, M. **Animals and Society: an introduction to Human-Animal Studies**. Columbia University Press, 2012.

DREYFUS, H. L. (1991). **Being-in-the-world: a commentary on Heidegger's being and time**, Division I. Mit Press.

ELLWANGER, J.H.; KULMANN-LEAL, B., KAMINSKI, V.L., VALVERDE-VILLEGAS, J.M., DA VEIGA, A.B.G., SPILKI, F.R., FEARNSTIDE, P.M., CAESAR, L., GIATTI, L.L., WALLAU, G.L., ALMEIDA, S.E.M., BORBA, M.R., DA HORA, V.P. & CHIES, J.A.B. Beyond diversity loss and climate change: Impacts of Amazon deforestation on infectious diseases and public health. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, 92(1), 2020.

FANTINEL, L. **O Organizar Multiespécie da cidade**. In: Saraiva, L. A. S., & Ipiranga, A. S. R. (Orgs.). História, práticas sociais e gestão das/nas cidades. Barlavento, 2020, p. 297-344.

FEARNSTIDE, P.; ELLWANGER, J. H. **Portal FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz**, 2020. Recuperado em 26 maio, 2020, de <https://portal.fiocruz.br/video/desmatamento-e-o-risco-de-novas-epidemias-como-covid-19>.

GUIMARÃES, C. R. Os limites da ontologia cartesiana: uma reflexão acerca da metafísica de Descartes a partir da filosofia de Heidegger. **Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas**, 13(24), 51-61, 2013.

HARAWAY, D. **The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness**. Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, D. **When species meet**. University of Minnesota Press, 2008.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. (Parte I. 14a Ed.). (M.S.C. Schuback, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HENRIQUES, R. P. (2014). **Tecnologia, objetividade e superação da metafísica** (1. ed.). Vitória: EDUFES.

HUI, A., SCHATZKI, T., & SHOVE, E. **The nexus of practices: connections, constellations, practitioners**. Routledge, 2017.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019. **Aglomerados subnormais 2019**. Recuperado em 11 fevereiro, 2020, de [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717\\_apresentacao.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_apresentacao.pdf)

JI, WEI et al. Cross-species transmission of the newly identified coronavirus 2019-nCoV. **Journal of medical virology**, v. 92, n. 4, p. 433-440, 2020.

JÚLIO, A. C. Mudança de Práticas: O Fazer Obstétrico na Grande Vitória/ES. **TPA - Teoria E Prática Em Administração**, 7(2), 128-155, 2017.

JÚLIO, A. C. **Para Além do Parto: A Manutenção-Mudança das Práticas Obstétricas**. 143f. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

KIRKSEY, S., & HELMREICH, S. The emergence of multispecies ethnography. **Cultural Anthropology**, 25(4), 545–576, 2010.

KIRKSEY, E. The emergence of Covid-19: a multispecies story. **Anthropology Now**, 12(1), 11–16. <https://doi.org/10.1080/19428200.2020.1760631>, 2020.

LAM, T. T. Y., JIA, N., ZHANG, Y. W., SHUM, M. H. H., JIANG, J. F., ZHU, H. C., TONG, Y. G., SHI, Y. X., NI, X. B., LIAO, Y. S., LI, W. J., JIANG, B. G., WEI, W., YUAN, T. T., ZHENG, K., CUI, X. M., LI, J., PEI, G. Q., QIANG, X., CAO, W. C. Identifying SARS-CoV-2-related coronaviruses in Malayan pangolins. **Nature**, 1–4, 2020.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Editora 34, 2013.

LATOUR, B. **Investigação sobre os modos de existência: Uma antropologia dos modernos**. Editora Vozes, 2019.

LAURELL, A. C. El estudio social del proceso salud-enfermedad en América Latina. **Cuadernos Médico Sociales**, v. 37, p. 3-18, 1986.

MADIGAN, M. T., MARTINKO, J. M., & PARKER, J. **Brock biology of microorganisms** (Vol. 11). Upper Saddle River, NJ: Prentice hall, 1997.

MARQUESAN, F. S., & FIGUEIREDO, M. D. de. Do ecoambientalismo à sustentabilidade: notas críticas sobre a relação organização-natureza nos estudos organizacionais. **Organizações & Sociedade**, 25(85), 264–286, 2018.

MORIN, E., & BLIN, S. Ressentir plus que jamais la communauté de destins de toute l’humanité. **Libération**, 2020. Recuperado em 26 maio, 2020, de [https://www.liberation.fr/debats/2020/03/27/edgar-morin-ressentir-plus-que-jamais-la-communaute-de-destins-de-toute-l-humanite\\_1783400](https://www.liberation.fr/debats/2020/03/27/edgar-morin-ressentir-plus-que-jamais-la-communaute-de-destins-de-toute-l-humanite_1783400)

OGDEN, L. A., HALL, B., & TANITA, K. Animals, Plants, People, and Things: A Review of Multispecies Ethnography. **Environment and Society**, 4(1), 5–24, 2013.

OMS – **Organização Mundial da Saúde**, 2020. Recuperado em 26 maio, 2020, de <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>

**OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia**. OPAS Brasil - Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde no Brasil, 2020. Recuperado em 2 fevereiro, 2021, de [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812)

ONU – Organização das Nações Unidas, 2017. **Affordable housing key for development and social equality, UN says on World Habitat Day**. Recuperado em 04 fevereiro 2020, de <https://news.un.org/en/story/2017/10/567552-affordable-housing-key-development-and-social-equality-un-says-world-habitat>

PACINI-KETCHABAW, V., TAYLOR, A., & BLAISE, M. Decentring the Human in Multispecies Ethnographies. In C. A. Taylor & C. Hughes (Eds.), **Posthuman Research - Practices in Education**. Palgrave Macmillan, 2016.

PURSER, R. E., PARK, C., & MONTUORI, A. Limits to anthropocentrism: toward an ecocentric organization paradigm? **Academy of Management Review**, 20(4), 1053–1089. <https://doi.org/10.5465/amr.1995.9512280035>, 1995.

SAGE, D., JUSTESEN, L., DAINY, A., TRYGGESTAD, K., & MOURITSEN, J. Organizing space and time through relational human–animal boundary work: Exclusion, invitation and disturbance. **Organization**, 23(3), 434–450, 2016.

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do Vírus**. Boitempo, 2020.

SCHATZKI, T. R. On organizations as they happen. **Organization studies**, 27(12), 1863-1873, 2006.

SEGATA, J. A doença socialista e o mosquito dos pobres. **Iluminuras**, 17(42), 372–389, 2016.

SILVA, A. F. C. DA, & LOPES, G. A pandemia de novo coronavírus e o Antropoceno Entre. **Agência Fiocruz de Notícias**, 1–5, 2020. Recuperado em 26 maio, 2020, de <https://agencia.fiocruz.br/print/12393>

SNIS - Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento. **Diagnostico dos serviços de água e esgoto de 2018**, 2018. Recuperado em 13 maio, 2020, de [http://www.snis.gov.br/downloads/diagnosticos/ae/2018/Diagnostico\\_AE2018](http://www.snis.gov.br/downloads/diagnosticos/ae/2018/Diagnostico_AE2018)

SÜSSEKIND, F. Sobre a vida multiespécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, 69, 159. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p159-178>, 2018.

JANSEN R. Taxa de morte é maior entre negros e analfabetos. **Estadão**, 2020, Mai 28. Recuperado em 26 maio, 2020, de <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,taxa-de-morte-e-maior-entre-negros-e-analfabetos,70003316918>

TORRES, R. “É um programa perdulário, ineficaz e perigoso”: O Brasil está fazendo tudo errado no combate a doenças transmitidas por mosquitos? Entrevista com Lia Giraldo. **Outras Palavras**, 2018, Ago 16. Recuperado em 26 maio, 2020, de <https://outraspalavras.net/outrasaude/2990/>

UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. **Progress on household drinking water, sanitation and hygiene 2000-2017: Special focus on inequalities**, 2019. Recuperado em 26 maio, 2020, de <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/1-em-cada-3-pessoas-no-mundo-nao-tem-acesso-agua-potavel-dizem-unicef-oms>

WILLERSLEV, R. A Antropologia está levando o animismo a sério demais? **R@u - Revista de Antropologia Da UFSCar**, 7(1), 17–36, 2015.

ZILBER-ROSENBERG, I., & ROSENBERG, E. Role of microorganisms in the evolution of animals and plants: the hologenome theory of evolution. **FEMS Microbiol. Rev.**, 32, 723–735, 2008.

**Submetido em 05/11/2020**

**Aprovado em 16/07/2021**